

FAMÍLIA E TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE: A PERCEÇÃO DE TRABALHADORES DOMICILIARES DA INDÚSTRIA CALÇADISTA SOBRE A FUSÃO DO AMBIENTE DE TRABALHO AO AMBIENTE DOMÉSTICO

FAMILY AND WORK IN CONTEMPORARY SOCIETY: THE PERCEPTION OF HOME WORKERS IN THE FOOTWEAR INDUSTRY ON THE MERGER OF THE WORKPLACE TO THE DOMESTIC ENVIRONMENT

FAMILIA Y TRABAJO EN LA CONTEMPORANEIDAD: LA PERCEPCIÓN DE LOS TRABAJADORES DOMICILIARES DE LA INDUSTRIA DE CALZADOS A RESPECTO DE LA FUSIÓN DEL AMBIENTE DE TRABAJO AL AMBIENTE DOMÉSTICO

Amanda Mendes Silva¹
Daniela de Figueiredo Ribeiro²

RESUMO:

Trata-se de um estudo que teve por objetivo compreender o universo familiar no qual o espaço doméstico se funde ao ambiente de trabalho, o que ocorre nas denominadas *bancas de pesponto*, oficinas de trabalho que prestam serviços à indústria de calçados. Foi utilizada a abordagem qualitativa e etnográfica para o estudo. A coleta de dados ocorreu em duas fases, exploratória e focalizada. Na etapa exploratória houve observação participante em dez residências em um bairro operário onde, na maior parte das casas, o trabalho era informal e domiciliar. Na fase focalizada foram realizadas dezenove entrevistas individuais e semi-estruturadas com membros de seis famílias. Os dados obtidos nas entrevistas passaram por uma análise hermenêutica-dialética. Os resultados mostraram que grande parte dos entrevistados caracterizou genericamente a família e o fizeram reproduzindo um discurso baseado em modelos tidos socialmente como ideais. Em relação ao fato de possuírem o trabalho no mesmo ambiente que a casa, muitos entrevistados abordaram a questão do tempo, uma vez que se trabalha mais por não ter horários fixos, podendo prejudicar a relação familiar, pois se passa mais tempo trabalhando do que com a família, mesmo estando no ambiente doméstico. Além disso, relataram acerca dos pontos positivos e negativos desta condição do trabalho, sendo positivo o trabalho em casa porque se economiza com transporte e pode-se

¹ Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário de Franca Uni-FACEF. E-mail: amanda_devir@hotmail.com

² Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), docente do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional do Centro Universitário de Franca - Uni-FACEF. E-mail: ribares@netsite.com.br



estar mais perto dos filhos, além de compensar financeiramente. Porém essa relação pode levar ao desgaste das relações conjugais e entre pais e filhos.

Palavras-chave: Relações familiares. Trabalho. Setor calçadista.

ABSTRACT:

The aim of this paper is to analyse the relationship of families that have their homes not only as a place to live but also as a place to work, something that occurs because the shoes are manufactured at home for footwear industries. A qualitative and ethnographic method were used in this study. The obtainment of the data happened in two ways: an exploratory one and a focalized one. In the exploratory part, there was an observation in ten residences of a district where, in most of the houses, the work was informal and domestic. In the focalized part, nineteen individual interviews were made with members of six families. The data obtained in the interviews were analysed through a hermeneutic- dialectic perspective. The results show that the most part of the interviewed individuals generically characterized the family and they did it reproducing a speech based in the models that are socially considered as the ideal ones. Taking into account the fact that the families have their houses as a place to live and to work, most of the interviewees take into account the matter of time, because they work longer as they don't have a schedule to follow, and it might disturb the relationship among the family members, even being in the domestic environment. Positive and negative points of this working condition were pointed out, being positive working at home because they save the money of transportation and the workers can be closer to their children, while also being financially worthwhile. On the other hand, this relationship may cause problems between the couples and also between the parents and their children.

Keywords: Family relationship. Work. Footwear industry.

RESUMEN:

Se trata de un estudio que tiene como objetivo comprender el universo familiar en el cual el espacio doméstico se funde al ambiente de trabajo, es lo que sucede con las llamadas "bancas de pespunte", talleres que trabajan para la industria de calzados. Para hacer este estudio fue utilizado el abordaje cualitativo y etnográfico. La recolección de los datos se hizo en dos etapas, exploratoria y focal. En la etapa exploratoria hubo la observación participante en diez casas de un barrio obrero, donde en la mayor parte de las casas el trabajo era informal y domiciliario. En la etapa focal fueron hechas diecinueve encuestas individuales y semiestructuradas con los miembros de seis familias. Los datos obtenidos en las encuestas pasaron por un análisis hermenéutico dialéctico. Los resultados mostraron que gran parte de los encuestados caracterizó genéricamente la familia y lo hicieron reproduciendo un discurso basado en modelos sociales vistos como ideales. En relación al hecho de poseer el trabajo en el mismo ambiente de la casa, muchos encuestados abordaron la cuestión del tiempo, una vez que se trabaja más por no haber horarios fijos, pudiendo perjudicar la relación familiar, pues se pasa más tiempo trabajando que con la familia, mismo estando en el ambiente doméstico. Además de eso, relatan los puntos positivos y negativos de esa condición de trabajo, siendo positivo el trabajo en casa porque se ahorra con el transporte y se puede estar cerca de los hijos, además de compensar económicamente. Pero esa relación puede provocar el desgaste de las relaciones conyugales y entre padres e hijos.

Palabras claves: Relaciones familiares. Trabajo. Sector de calzados.

INTRODUÇÃO

A palavra “família” vem do termo latino *famulus* e significa escravo doméstico. Esta tornou-se uma expressão criada pelos romanos a fim de indicar um novo organismo social que aparecia entre as tribos latinas ao serem introduzidas à agricultura e à escravidão legal. Tal organismo era caracterizado por um chefe que detinha o poder sobre todos seus entes e escravos, exercendo poder de vida e morte sobre todos eles (BILAC, 2000).

Partindo deste conceito, tem-se na história do Brasil a chamada *família patriarcal*, sendo esta a imagem mais representativa do país na qual a mulher e os filhos eram submissos à figura masculina. Esta, no contexto da história brasileira, sempre foi vista como uma instituição que impôs normas e valores morais desde o Brasil Colônia (SAMARA, 2002).

Essa configuração familiar existiu durante toda a formação social do Brasil, mais precisamente durante os séculos XVI e XIX.

Na família patriarcal, as práticas sociais eram consideradas como a submissão da mulher e o casamento entre parentes como forma de demonstrar a importância da linhagem e de seu contexto histórico dentro da sociedade da época (JOSÉ FILHO, 1998, p.47).

Neste período, as mulheres possuíam um papel de grande passividade e submissão à figura masculina, fosse ela paterna ou marital. Elas permaneciam por um longo período na casa dos pais e não recebiam uma educação mais aprofundada, pelo fato de que seu destino era passar da responsabilidade do pai para a do cônjuge. Desta forma, em meados do século XIX, a casa, que era o centro da família e do trabalho, através da integração de outros tipos de elementos ligados ao chefe, constituía toda a sua complexidade e singularidade (SAMARA, 2002).

A partir disso, fica evidente que o modelo da família patriarcal descrita na literatura brasileira clássica estabelece um conceito único e cristalizado sobre esta instituição, na qual as relações são caracterizadas pela autoridade do masculino sobre os negros e sua submissa família (SOUZA; BOTELHO, 2001).

No Brasil, a transformação da família patriarcal começa a ocorrer a partir do avanço da industrialização, portanto, esta é trocada pela *família conjugal moderna*, típica do mundo urbano, e reduzida ao casal com filhos, na qual, a relação conjugal

não possui mais em sua essência a manutenção de uma propriedade comum ou de interesses políticos (CORRÊA, 1982).

Neste período a mulher inicia sua participação no mundo do trabalho. Inicialmente ocupava 'cargos' domésticos, como o de costureira e lavadeira na indústria têxtil, e no início do século XX as mulheres profissionais começaram a aparecer gradativamente.

O fato de a mulher ter entrado para o mercado de trabalho, sendo também uma geradora de renda, causou uma redefinição nos vínculos estabelecidos, influenciando de forma intensa as relações entre marido e mulher e, principalmente, entre pais e filhos.

Desta forma, Carvalho e Almeida (2003) apontam que alguns fenômenos como o aumento de casas formadas por pessoas que não são da mesma família; diminuição da quantidade de pessoas por família; crescimento dos divórcios; crescimento de casais sem filhos; "hierarquias" que anulam o padrão da típica família nuclear, como por exemplo, quando a mulher é o "chefe" da casa, também estão levando à modificação da estrutura familiar tradicional, lembrando que este é um processo universal à sociedade urbana ocidental.

A partir disto, percebem-se diferentes estilos familiares que correspondem a novas formas de organização da família. Tais mudanças afetam os papéis sociais de homens e mulheres e levam a discussões a respeito do fim do modelo familiar institucional, o que também pode guardar uma forte relação com o individualismo presente na contemporaneidade:

a família não é mais vista como organizada por normas dadas, mas sim, fruto de contínuas negociações e acordos entre seus membros e, nesse sentido, sua duração no tempo depende da duração dos acordos. Conseqüentemente, como são frutos de escolhas individuais e negociações interindividuais, as vidas familiares serão cada vez mais idiossincráticas e fluídas (BILAC, 2000, p.37).

De acordo com Grisard Filho (2005) a família possui uma longa história não linear e cheia de rupturas sucessivas. Todas as mudanças e adaptações pelas quais ela passa geram crises porque ao passar de uma fase à outra tudo se transforma. Portanto, o que se pode enxergar na sociedade hoje é o advento de uma série de modelos familiares.

Na visão de Henriques; Féres - Carneiro e Magalhães (2006) atualmente há três tipos de família que são: a tradicional, caracterizada pela autoridade paterna; a

moderna, caracterizada por ser mais nuclear e influenciada pelo individualismo, sendo pouco ligada a laços de parentesco, e há também a pluralística, caracterizada pelos novos arranjos familiares, sendo mais flexíveis e igualitárias e menos permanentes.

Desta forma, pode-se dizer que a família é uma instituição da cultura, pois quando há mudança de valores sociais, começa aí uma movimentação relacionada a mudanças nas configurações familiares.

Ao olhar a história, observa-se, por exemplo, que a mãe era quem possuía toda a responsabilidade sobre os filhos. Porém, com todas as mudanças na estrutura familiar, juntamente com a entrada da mulher no mercado de trabalho, o homem passou a participar mais da educação e dos cuidados com o filho. Esse fator fez com que a mulher obtivesse maior apoio e participação do homem na vida dos filhos. Tal aspecto evidencia a superação do homem que passou do papel de provedor familiar para um papel de maior engajamento na educação dos filhos, favorecendo a qualidade do envolvimento com sua prole (CIA et al., 2006).

Bilac, Oliveira e Muzskat (2000) pontuam que a participação paterna tem crescido no cotidiano familiar e a distância, ausência e rigidez, características básicas da família tradicional vêm sofrendo mudanças porque a presença e a participação paterna tem sido exigida pelas mulheres, ou seja, a máxima popular de que “homem em casa só atrapalha” está passando por inversões, na qual o homem dentro de casa passa a ser de grande importância.

Com estas mudanças, as mulheres viram suas tarefas aumentarem. Os estudos realizados por Perucchi e Beirão (2007) apontaram algumas dificuldades vividas pelas mulheres provedoras de família como a dupla ou múltiplas jornadas de trabalho, a conciliação entre as responsabilidades domésticas e o trabalho, os diferentes níveis de exigência de produção do mercado e a responsabilidade pelos cuidados com os filhos. No estudo também foi destacada a grande responsabilidade de educar os filhos exercendo o papel de pai e de mãe.

Observou-se também nos estudos de Fleck e Wagner (2003) que apesar de haver transformações nos padrões e no funcionamento das famílias, em que as mulheres são responsáveis pela maior parte do sustento econômico, ela ainda está calcada no modelo tradicional de conceber e representar suas relações, não sendo percebida nenhuma mudança significativa na forma como essas famílias representam a sua estrutura.

As famílias brasileiras, de acordo com Carvalho e Almeida (2003), nos últimos anos, vêm se viabilizando no sentido de buscar novas maneiras de obtenção de renda, buscando aumentar seus recursos econômicos, uma vez que hoje se depara com uma grande crise econômica e social. A partir disto, têm surgido expressões como “estratégias de sobrevivência”, que se baseiam no aumento da renda com o objetivo de atender às necessidades da família como um todo. Tais estratégias de sobrevivência têm como peça fundamental a figura de um dos cônjuges e dos filhos para equilibrar os rendimentos do “chefe” da família, aumentando assim o número de pessoas economicamente ativas dentro da casa.

Mello (2000), ao realizar uma pesquisa na periferia de São Paulo, percebeu, tal como outros pesquisadores de camadas populares de outros Estados, a importância dos laços familiares para esta população. Em sua pesquisa, ele relata que é a família quem concentra e dá ordens a um modo específico de sociabilidade. Além disso, observou a relação de troca de serviços e amizade entre os vizinhos. “Há situações em que toda a vizinhança busca meios de amenizar as crises de outras famílias. O foco em que consiste essa ajuda recíproca é a família (p.54)”.

O TRABALHO NO AMBIENTE DOMÉSTICO

A cidade de Franca, situada no interior do Estado de São Paulo, onde foi realizado o estudo sempre teve tendência à atividade pecuária desde a origem de sua ocupação, em meados do século XVIII. Tal tendência contribuiu para a importância da produção de artigos de couro, especificamente a produção de calçados, uma vez que era abundante a matéria-prima para fábricas de curtume e sapateiros. Assim, no século XIX, a cidade já se tornara grande em artesanato enquanto produção curtumeira e à fabricação de calçados (MENDES, 2005).

No período de 1910 predominavam as oficinas que eram conjugadas às casas, onde eram produzidas selas, arreios, chinelos, calçados, botas, entre outros. Este trabalho era artesanal, com a utilização do “prego e da banquetta” (MENDES, 2005).

Ainda de acordo com o autor supracitado, a década de 30 passou por uma transição da fase artesanal para a manufatureira, havendo uma combinação desse trabalho manual intensivo juntamente com o uso de algum maquinário para tarefas que poderiam necessitar mais emprego de força braçal. Em tal realidade, tornaram-

se comuns fabriquetas no fundo das casas, responsáveis por grande parte da produção de calçados, sendo também lugar criador de mão-de-obra.

Pode-se perceber que essa transição do trabalho manufaturado para o industrializado no contexto do calçado foi um processo bastante lento, permitindo a sobrevivência de pequenas oficinas voltadas para a fabricação de calçados (BARBOSA; MENDES, 2003).

O trabalho a domicílio, característico da fase pré-fábrica do capitalismo, persistiu por muito tempo como forma produtiva predominante na indústria do calçado mesmo em um estágio avançado do capitalismo, e tem ainda presença significativa nesse segmento até os dias de hoje (BARBOSA; MENDES, 2003, p. 64).

No final da década de 60 a produção de calçados voltou-se para o mercado externo. Esse fato alterou todo o cotidiano dos trabalhadores de fábricas, já que nesse ambiente havia o predomínio da família enquanto trabalhadora coletiva e como unidade produtiva. Na década de 70, com a expansão da produção voltada para o mercado externo, houve uma ampliação do número de unidades produtivas e grande oferta de empregos. O espaço físico dentro das fábricas ficou limitado, e parte da produção passou a ser realizada em domicílio, com o pesponto e a costura manual. Esta prática de trabalho em casa passou a ser novamente estimulada e muito utilizada (MENDES, 2005).

As “costuradeiras” mantinham estrita relação com a indústria para a qual trabalhavam, conservando vínculos empregatícios. Gradativamente, esse trabalho em domicílio passou a ser repassado dessas costureiras para as suas amigas, vizinhos e parentes, contribuindo para que a relação entre as pessoas envolvidas nesse trabalho de costura manual fosse se distanciando da empresa e, cada vez mais, essas relações formais entre as costuradeiras e as empresas foram diminuindo. Tal dinâmica de trabalho incorporou de maneira indireta a forma da organização produtiva prescrita pela indústria numa rede de trabalhadores que geralmente possuem vínculos familiares ou até mesmo de vizinhança (BARBOSA; MENDES; BRAGA FILHO, 2005).

Com o advento da globalização, houve uma ampla terceirização na indústria calçadista, que levou ao aumento do setor informal. Parte do trabalho realizado nas

fábricas passou a ser realizado nas residências dos próprios trabalhadores. Desta forma, deram-se início às chamadas bancas de pesponto³.

Atualmente, a indústria do calçado não dispõe de técnicas aprimoradas e ainda se depara com métodos rústicos de se trabalhar, como o trabalho manual e artesanal, o que facilitou a expansão da mão-de-obra não especializada e do trabalho informal. Este fato gerou perplexidade, uma vez que em tempos em que a tecnologia prevalece a manufatura ainda é de grande valia neste setor produtivo-econômico (BARBOSA; MENDES; BRAGA FILHO, 2005).

Portanto, na realidade local, uma vez que o espaço doméstico se transforma em unidade produtiva, tal aspecto influencia o cotidiano do trabalhador e a maneira de se viver as relações familiares. “Em muitos casos, não se pode distinguir onde começa a oficina ou termina a casa” (BARBOSA; MENDES, 2003, p. 65). O tempo do trabalho e o tempo doméstico se fundem.

Giacomel et al. (2003) discorrem sobre o trabalho tornado vida e afirmam que na sociedade atual o tempo do indivíduo passou a ser tempo de trabalho em troca de um salário. O corpo do trabalhador foi transformado em força útil, tornando-se dócil, produtivo e submisso, sendo qualificado apenas enquanto um corpo capaz de trabalhar. O tempo de trabalho e a força de trabalho são características dessa sociedade e, além disso,

O trabalho então emancipou-se da disciplina da fábrica para um trabalho imaterial que incide na subjetividade humana. É um trabalho afetivo, já que seus produtos são intangíveis: sentimento de bem-estar, satisfação, paixão, inclusive a sensação de pertencimento a uma comunidade ou grupo (GIACOMEL et al., 2003, p. 140).

A questão não é mais o corpo que é posto a trabalhar, mas sim, a alma. O trabalho é construído a partir da vida posta em produção. A vida afetiva torna-se uma das ferramentas de trabalho que está inserida no corpo e o controle capitalista fica mais intenso, atuando na potência de agir das pessoas. De acordo com estes argumentos, pode-se perceber que a vida está à disposição da produção, não há necessidade de estar em uma empresa, pois esse processo produtivo passou dos limites físicos da fábrica e invadiu as casas, o lazer e as relações familiares. “O

³ Segundo Navarro (2003), a banca de pespontos é uma oficina de trabalho que presta serviços à indústria de calçados local, realizando serviços de corte do couro, pespontos, costura e enfeites. Elas compõem o cenário do trabalho informal realizado por pessoas que, antigamente, trabalhavam em fábricas de calçados e que atualmente, continuam exercendo sua profissão, mas em um outro espaço: o espaço doméstico. É uma realidade onde dificilmente separa-se o trabalho do cotidiano familiar.

trabalhador contemporâneo encontra-se em situação de tal dedicação às atividades profissionais que sua vida tornou-se seu trabalho” (GIACOMEL et al., 2003, p.141).

Pensando nisto, atentou-se para o fato de que as bancas de pesponto apresentam uma nova realidade para a família, pois o trabalho é realizado dentro de casa, e em muitos casos não existe horário de trabalho, fator que pode contribuir para uma flexibilização, ou então para um aumento nos horários de expediente. Desta maneira, urge que se verifique o quanto as transformações produtivas estão influenciando os modos de convivência familiar ou interferindo nos padrões de relação. De que maneira os familiares se sentem afetados? Quais aspectos são considerados positivos e quais são negativos neste modo de organização do trabalho?

Foi realizado, então, um estudo de caráter qualitativo que favorece uma compreensão do fenômeno em sua complexidade e singularidade. O sistema qualitativo é marcado pela tentativa de compreender os significados das ações e comportamentos dos participantes do estudo, que estão inseridos em um determinado contexto, sem que isso seja representado numericamente (BIASOLI-ALVES, 1998).

O estudo foi realizado em duas fases, a exploratória e a focalizada. A primeira etapa da pesquisa teve como objetivo mapear e conhecer o bairro em estudo e sua população. Para tanto, utilizou-se de técnicas como a observação participante, diários de campo e coleta da história de vida de alguns moradores do bairro com utilização de gravador e transcrição literal na íntegra. Esses instrumentos foram importantes para captar as vivências e o estilo de vida desta população em sua situação natural. Foram realizadas observações informais e não sistemáticas em um total de sete visitas de duas horas de duração, em dez residências. Esta fase, denominada exploratória, proporcionou uma diversidade de dados coletados que auxiliou na compreensão das singularidades do contexto de trabalho da comunidade estudada.

Na segunda etapa foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com dezenove pessoas, sendo elas provenientes de seis famílias diferentes. O critério utilizado para a inclusão de participantes no estudo foi de serem apenas famílias que possuíssem banca de pespontos como principal atividade geradora de renda. E nestas famílias, foram entrevistados somente os donos da banca e seus filhos e/ou

enteados mais velhos. Das seis bancas, duas funcionavam na informalidade e quatro eram regularizadas. .

O trabalho realizado nas bancas de pesponto é pautado em contratos de prestação de serviço às fábricas de calçado, não configurando vínculo empregatício. Porém, todas as bancas possuem metas de produção e datas para entrega do serviço.

Do total de famílias entrevistadas, as três primeiras eram todas moradoras do bairro estudado na primeira fase da pesquisa, porém as três últimas famílias entrevistadas, caracterizadas por fugirem da configuração tradicional, eram moradoras de outros bairros, estes, com características bastante semelhantes ao estudado. Eram periféricos, constituídos por uma maioria de operários, sendo que grande parte dos moradores também trabalhavam em suas próprias casas com costura manual ou eram empregados de fábricas de sapato.

Segue um breve relato a respeito de cada família, sendo que os nomes de todos os participantes são fictícios:

A família número 1 é composta por quatro pessoas: o homem, a mulher e dois filhos, uma menina e um menino. Marido e mulher fizeram o Ensino Fundamental Incompleto e não pretendem voltar a estudar. É uma família de católicos praticantes. A mulher é de origem rural e o homem é proveniente de uma pequena cidade próxima ao município. Desde muito jovens ambos trabalham com o sapato, inclusive conheceram-se em uma fábrica de calçados e logo casaram-se. Depois de trabalharem em fábricas e em outras bancas de pesponto, decidiram ter o seu próprio negócio. A banca da família é regularizada.

Entrevistado	Cecília	Pereira	Gislaine	José (não foi entrevistado)
Idade	38	40	14	10
Estado civil	Casada	Casado	Solteira	Solteiro
Escolaridade	4ª série do Ensino Fundamental	5ª série do Ensino Fundamental	Cursando Ensino Médio	Cursando Ensino Fundamental
Ocupação	Dona da banca de pesponto/ coladeira de peça e pespontadeira	Supervisor da banca/ colador/ pespontador	Estudante	Estudante

A família número 2 é composta por três pessoas, marido, mulher e uma filha. A mulher estudou até concluir o Ensino Fundamental e o homem concluiu o Ensino Médio. Também é uma família de católicos praticantes. O casal é de origem urbana, também de cidades pequenas do município. O homem sempre trabalhou com o calçado em fábricas e em bancas, enquanto a mulher além do sapato, já teve outros ofícios, como o de doméstica e vendedora. A banca da família é informal.

Entrevistado	Camila	Roberto	Gisele
Idade	41	46	18
Estado civil	Casada	Casado	Solteira
Escolaridade	8ª série	3º colegial	Ensino Médio Completo
Ocupação	Pespontadeira	Dono da banca de pesponto/ Pespontador	Trabalha em escritório

A família número 3 é composta por quatro pessoas: marido, mulher e dois filhos. Marido e mulher não concluíram o Ensino Médio. O casal, de origem urbana, nasceu na cidade de Franca e são católicos praticantes. Além do trabalho com o sapato o homem já trabalhou como pedreiro e pintor e a sua mulher somente com o calçado. A banca de pespontos desta família é informal.

Entrevistado	Rita	Marcelo	João	Gabriel (não foi entrevistado)
Idade	38	36	11	4
Estado civil	Casada	Casado	Solteiro	Solteiro
Escolaridade	1º colegial	2º colegial	Cursando Ensino Fundamental	Pré-escola
Ocupação	Pespontadeira	Pespontador/ pedreiro	Estudante	Estudante

A família número 4 é composta por três membros, sendo o casal amasiado e a filha que a mulher teve em um relacionamento passado. A mulher, na época da pesquisa, estava grávida deste novo relacionamento. Nesta família, ambos concluíram o Ensino Médio. A família é católica, porém não praticante. O casal é de origem urbana, ambos são nascidos na cidade de Franca e nunca exerceram outro ofício; sempre trabalharam com o calçado e sua banca de pespontos é legalizada.

Entrevistado	Fabiana	Sérgio	Mariana
Idade	27	36	08
Estado Civil	Casada	Casado	Solteira
Escolaridade	2º grau completo	2º grau completo	Cursando Ensino Fundamental
Ocupação	Coladeira	Pespontador	Estudante

A família 5 é composta por duas pessoas, sendo a mulher e seu filho. Esta não está mais com o marido, pois o mesmo apresentava problemas de alcoolismo. Foi seu marido quem deu início à banca de pespontos, mas agora é a mulher quem cuida do trabalho. Ela tem o Ensino Fundamental Incompleto e seu filho cursa o supletivo. Esta família não possui nenhuma crença religiosa. A mulher sempre trabalhou com o calçado e seu filho às vezes a ajuda na banca, porém tem vontade de trabalhar com mecânica de automóveis. A banca é legalizada.

Entrevistado	Aparecida	Mateus
Idade	37	18
Estado Civil	Separada	Solteiro
Escolaridade	5ª série do Ensino Fundamental	Supletivo
Ocupação	Coladeira, pespontadeira	Pespontador

A família 6 é composta por seis membros, sendo o casal amasiado, dois filhos do homem de seu primeiro casamento e dois filhos da atual união. O homem é de origem urbana, da cidade de Franca e a mulher é proveniente de uma cidadezinha do interior de São Paulo. O casal possui o Ensino Fundamental Incompleto, e a família é católica não praticante. Ele sempre trabalhou com o calçado e sua esposa já trabalhou como doméstica também, porém a maior parte de sua vida trabalhou na produção de calçado. A banca da família é legalizada.

Entrevistado	Maria	José	Robson	Ricardo	Priscila	Ricardo (não entrevis- tado)
Idade	28 anos	40 anos	15 anos	15 anos	12 anos	3 anos
Estado civil	Casada	Casado	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteiro
Escolaridade	5ª serie do Ensino Fundamen -tal	5ª serie do Ensino Fundamen -tal	Ensino Médio	Ensino Médio	Cursan do Ensino Funda mental	
Ocupação	Coladeira	Pespon- ta - dor	Trabalha com solas - fábrica do padrasto	Trabalha com solas - fábrica do padrasto	Estudan - te	

Cumprindo com a resolução número 196/96 do Ministério da Saúde sobre pesquisa envolvendo seres humanos, o projeto de pesquisa foi submetido a um Comitê de Ética, tendo sido entregue um termo de esclarecimento aos participantes da pesquisa, assinado pela pesquisadora, e em seguida também foi solicitado que os responsáveis pelos menores de idade assinassem um termo de consentimento livre e esclarecido, permitindo a participação de seus filhos no estudo.

A PESQUISA DE CAMPO

O primeiro contato com o bairro escolhido para a pesquisa foi realizado no segundo semestre do ano de 2006. A entrada em campo foi intermediada por uma assistente social que já realizara um trabalho no bairro. Os líderes comunitários foram contatados e, por meio deles, os moradores que possuíam bancas de pesponto ou trabalhavam com costura manual em suas residências foram identificados.

O processo de entrada no campo de pesquisa foi bastante cauteloso. Na primeira visita foram relatadas aos líderes comunitários quais eram as intenções do grupo de pesquisa, sendo que este era composto por nove alunas do curso de psicologia e uma professora orientadora, que tinha o propósito de pesquisar sobre a realidade dos trabalhadores calçadistas domiciliares da cidade. Foi esclarecido que

o objetivo da pesquisa era conhecer os modos de vida e interesses desta população que trabalha com o sapato dentro das próprias residências. Então, os líderes comunitários consentiram com a pesquisa, levando as pesquisadoras a conhecer as famílias do bairro.

Em um segundo encontro, o grupo de pesquisadoras e os líderes comunitários saíram às ruas do bairro para a apresentação às famílias em cujas residências seriam realizadas as observações.

O início da coleta de dados ocorreu na semana seguinte. As observações tinham uma duração aproximada de duas horas podendo se estender ou não, e ocorreu durante sete dias consecutivos, em horários alternados a fim de apreender melhor as vivências dos participantes. Cada pesquisadora penetrou no universo cotidiano de uma residência, sendo investigadas dez residências no total.

Após cada dia de observação, o pesquisador fazia anotações minuciosas em diário de campo, relatando todas as suas percepções e fatos ocorridos na residência pesquisada. Assim que saísse da casa, relatava e gravava todo o ocorrido. Em seguida às observações, foram realizadas entrevistas abertas com um morador de cada residência acerca de sua história de vida e, mais especificamente, sua história de trabalho no setor calçadista. Todas essas entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra.

Na segunda etapa da coleta de dados, correspondente à fase focalizada da pesquisa, foram realizadas, primeiramente, entrevistas individuais e semi-estruturadas com nove pessoas de três famílias diferentes. Em cada família foram entrevistados o pai, a mãe e o filho mais velho, em suas próprias residências.

Entretanto, ocorreu um viés nestas entrevistas, uma vez que todas as famílias entrevistadas possuíam as mesmas características de uma família nuclear tradicional, não tendo sido entrevistadas famílias com diferentes configurações. Essa questão pôde ser explicada pelo fato de que todas as famílias possuidoras de bancas de pesponto no bairro em estudo eram compostas por pai, mãe e filhos desta união conjugal.

Dessa forma, houve a necessidade de se buscar famílias fora do bairro em questão, com o intuito de conhecer a perspectiva de famílias de configurações diferentes da tradicional e que possuíssem bancas de pesponto.

A busca por famílias que fugissem do tradicional demandou grande trabalho, uma vez que na cidade não há nenhum registro ou local que forneça dados sobre

famílias que, além de possuírem bancas de pespontos, sejam constituídas de forma não tradicional. Portanto, para encontrar essas famílias foi necessário um trabalho árduo de procura em bairros periféricos e em fábricas de calçado, através de pessoas conhecidas que pudessem indicar alguma família.

Ao transcrever as entrevistas, houve o cuidado de manter a fala literal dos entrevistados, pois de acordo com Minayo (1996), o homem é um ser que pode ser compreendido através de sua linguagem. Portanto, ela é parte essencial do núcleo central da comunicação e é necessário apreender “a linguagem ordinária do homem comum no seu dia-a-dia” (p.220). A idéia fundamental é que se quer buscar o sentido que o pesquisado tenta revelar e que, na maioria dos casos, nem ele mesmo domina.

Os dados coletados passaram por uma análise hermenêutica-dialética, segundo os moldes propostos por Minayo (1996).

Inicialmente os dados foram ordenados para a construção de um mapa horizontal das descobertas em campo: transcrição de fitas, organização dos relatos e dos dados de observação. A classificação dos dados foi feita a partir de leituras intensas e repetidas dos textos, permitindo uma melhor apreensão das idéias centrais a respeito do tema. As categorias analíticas foram construídas com base na literatura específica sobre a área. Em seguida, as categorias empíricas foram organizadas a partir da vivência em campo.

Realizou-se, assim, a construção de um corpus de comunicações. A seguir foi feito um enxugamento dos temas mais relevantes, buscando responder as hipóteses ou objetivos do trabalho. As categorias foram agrupadas para seguir uma lógica unificadora. A análise final implicou em um movimento incessante do empírico para o teórico e vice-versa, do contexto sócio-econômico mais amplo ao contexto de produção das comunicações, constituindo um movimento dialético que embasa a construção do texto final, que é sempre provisório.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao levar em consideração aspectos dos bairros nos quais foi realizada a pesquisa, observa-se que, por serem bairros de classe popular, as crianças e jovens, em sua grande maioria, estão sempre na rua se relacionando, brincando, e esse fato acaba se estendendo aos adultos. Estes, no período da noite, como um

momento de lazer vão para a rua conversar com os vizinhos, observar o movimento ou observar os filhos brincarem.

Tais cenas do cotidiano não são vistas em bairros mais nobres, nos quais os vizinhos não mantêm essa relação, estando mais isolados em suas vidas privadas, como afirmam Henriques, Féres–Carneiro e Magalhães (2006) ao relatarem que a família, ao longo da história, colocou-se no formato de uma ilha: *fam – ilha*, estando imersa em um processo de isolamento em relação à sua comunidade.

Estas características evidenciam o quanto a vida privada mescla-se com a vida pública no bairro estudado, principalmente quando o foco está nas relações de vizinhança como foi observado que um vizinho passa serviço ao outro, ou ajuda nos afazeres domésticos, cuidando dos filhos e até participando de reuniões escolares uns para os outros.

Este fato vai ao encontro das pesquisas de Mello (2000) com camadas populares, nas quais foram observadas relações de troca de serviços e amizades entre os vizinhos. “Há situações em que toda a vizinhança busca meios de amenizar as crises de outras famílias (p.54)”.

Observou-se ainda, na atual pesquisa, que todas as famílias entrevistadas carregavam uma herança cultural proveniente da cidade em que moram, uma vez que a maioria relatou que nunca teve outro ofício e não sabe fazer outra coisa, a não ser trabalhar com o sapato. De acordo com Mendes (2005), essa cultura existe porque a cidade em questão sempre teve tendência à atividade pecuária, contribuindo assim, para a produção de artigos de couro, uma vez que era abundante a criação de gado, gerando matéria-prima aos sapateiros e às fábricas de curtume.

Completando esta característica, o fato dos entrevistados trabalharem em bancas de pesponto conjugadas às suas casas também reflete o passado da cidade, que na década de 30, com a transição do trabalho artesanal para o manufactureiro, houve uma combinação do trabalho manual com a utilização de algum maquinário para tarefas que poderiam necessitar de maior força braçal. Nessa realidade foram comuns as fabriquetas no fundo de casa, sendo elas responsáveis por grande parte da produção de calçados (MENDES, 2005).

Nas famílias entrevistadas foi possível perceber uma fala idealizada acerca da instituição familiar, reproduzindo o discurso genérico e estereotipado, tendo sido citados jargões populares como “a família é a base da sociedade” (sic), “é

segurança” (sic), “é uma coisa bonita” (sic), “é o mais importante e tudo na vida” (sic). Este aspecto reflete o discurso predominante da família patriarcal, caracterizado por um conceito único e cristalizado sobre família (SOUZA; BOTELHO, 2001).

O fato de tais famílias reproduzirem esse discurso estereotipado evidencia um modelo ideal, presente no processo de socialização dos indivíduos. Vale ressaltar também que todos os entrevistados destacaram essa importância da família em suas vidas, como pode ser exemplificado pelo relato de Pereira, pai da família 1:

[...] então, família, assim, é tudo, né, pra mim é um alicerce firme, né. Sem família a gente nem vive, né, porque fica naquela solidão [...]

Outro aspecto observado foi a forma como as famílias entrevistadas se organizam cotidianamente. Em todas elas, com exceção da família número 5, que é monoparental, o homem e a mulher trabalham juntos na banca de pespointos e tiram seu sustento econômico, ou seja, não fica somente a cargo da figura masculina o papel de provedor único ou principal da família, sendo esta tarefa dividida com as mulheres. Enquanto estas auxiliam no trabalho e contribuem no sustento econômico da casa, os homens e os filhos ajudam nos afazeres domésticos.

Este aspecto leva-nos à confirmação de que o fato da mulher ter entrado para o mercado de trabalho causou redefinição nos vínculos estabelecidos e nos papéis exercidos pelo homem e pela mulher, pais e filhos, influenciando assim toda a estrutura familiar, tal como afirma Samara (2002).

Foi observado, ainda, que o homem está auxiliando mais nos serviços domésticos, cumprindo tarefas internas e não somente externas como de provedor e de proteção à família no espaço público. Bilac, Oliveira e Muzskát (2000) complementam que a participação masculina tem crescido no cotidiano familiar porque as mulheres têm exigido mais sua presença neste âmbito.

No atual estudo, a maior sobrecarga de tarefas e responsabilidades sobre a mulher pareceu ocorrer sobre aquela que é chefe de família, uma vez que sozinha precisa dar conta do trabalho, das responsabilidades com a banca de pespointo e do serviço doméstico, como pode ser observado no seu relato:

Não é fácil, não é mesmo. Você tem que ficar, trabalhar e pensar nas conta é difícil, principalmente pra quem paga aluguel, porque é um dinheiro que vai e num volta mais... num é fácil não. (Aparecida – família 5)

Em relação ao trabalho realizado no ambiente doméstico, a maioria dos entrevistados disse não possuir um horário fixo de trabalho, cabendo a cada um fazer a sua escolha. Pereira, pai da família 1, além dos membros das famílias 2, 4 e 5, relatou que trabalha de acordo com a quantidade de serviço que precisa entregar. Também relatou que, quando necessário, trabalha aos finais de semana, incluindo domingos e feriados.

Esta questão acerca de não se ter um horário fixo de trabalho traz aspectos positivos e negativos, pois não tendo um horário fixo, Sérgio, da família 4, afirmou que se trabalha mais, pois quanto maior a produção, mais dinheiro a receber, e assim, *“perde-se muito tempo da vida para o trabalho”* (sic).

Tem um lado ruim, né, que é o lado que você perde muito tempo da sua vida, porque, né, você tá trabalhando o tempo todo e aí você num tem tempo pra quase nada (SÉRGIO, família 4).

O aspecto positivo abordado pelos entrevistados é que a banca de pespontos conjugada à casa, além de prover um salário melhor que o da fábrica, permite maior flexibilidade para compor os tempos pessoais e de trabalho em uma rotina estabelecida pelos próprios indivíduos. Há a facilidade de sair quando necessário, parar e voltar ao trabalho de acordo com o que se julga melhor e, assim, como foi relatado por Mateus, família 5, na banca de pespontos não se *“fica engaiolado”* (sic) como na fábrica. Este entrevistado completa dizendo que é melhor o trabalho na banca porque é muito melhor ser patrão de si mesmo.

No entanto, observou-se que o trabalho permeia intensamente a vida das pessoas entrevistadas e suas relações, uma vez que estas vivem em função do trabalho e pelo trabalho, como pode ser observado no relato de Aparecida, família 5:

[...] não cumpro horário certo. Eu levanto cinco horas da manhã e vou até as cinco e quinze da tarde. O que tiver que trabalhar tem que trabalhar... sábado, domingo, num tem folga não.

Pereira, pai da família 1, também evidencia claramente o fato de viver em função do trabalho, ao justificar sua ausência enquanto pai pelo fato de trabalhar demais:

[...] Comigo interfere um pouco porque tem vez que eu passo mais tempo aqui (na banca), apesar de estar junto, mas deixo de assim, alguma hora. Até o José (filho) diz: vem “pai, vamos passear, vamos caminhar né”. “não! Agora num posso, agora to trabaiano né, tenho que acabar isso, né”. É

uma responsabilidade que a gente acaba tendo, né trabaia por conta é isso, né, ocê tem que entregar o serviço, né, e ocê tem que fazer, justamente, pra manter, né, então atrapaia um pouco, com os filhos atrapaia um pouco [...]

Desta forma observa-se que o trabalho no ambiente doméstico pode privar a família de alguns programas de lazer. Apesar de estarem muito próximos fisicamente, trabalhando e morando praticamente no mesmo espaço físico, acabam não se relacionando tanto enquanto família, assim como afirma Cecília, mãe da família 1 que reclama da falta de atividades em família devido a vasta quantidade de trabalho:

[...] Aí as vezes chega final de semana e a gente trabalha muito, então fica bastante cansado, aí falta ânimo pra passear e divertir [...]

Os aspectos apontados condizem ao que Giacomel et al. (2003) afirmam, ao relatarem que, na atual sociedade disciplinar e de regulação que vivemos, o tempo do homem tem passado a ser tempo de trabalho em troca de um salário, enquanto seu trabalho vai se construindo a partir da vida posta em produção, ou seja, a vida está a disposição do trabalho.

Nesse sentido, Pereira completa:

[...] a gente acaba ficando escravo do trabalho, justamente isso. Então a gente fica só nisso, fazendo serviço, né, a gente fica escravo do serviço. Um pouco eu acho até isso também, acaba estressando tanto um ou o outro, né, qualquer coisinha ta estressado, né, porque, “nós só trabaia, trabaia, né!” num tem uma hora de lazer (PEREIRA, família 1).

Outra característica evidenciada pelas mulheres entrevistadas é que o trabalho na banca de pesponto, atrelado à casa, gera mais desgaste que o trabalho na fábrica, por causa da responsabilidade dobrada e pela mistura dos âmbitos doméstico e de trabalho em um mesmo espaço físico, como citou Maria, família 6:

[...] É, ai, cansa viu (risos) (...) vai cansando né, porque aí você trabalha lá, aí tem que vim aqui rapidinho, limpar aqui, tenho minhas obrigação aqui (referindo-se a casa) [...] cansa demais da conta, é muito desgastante.

Além da entrevistada Maria, as outras mulheres também queixaram-se desta múltipla jornada de trabalho no ambiente doméstico pois não há um ambiente diferente que as façam “esfriar a cabeça” (sic). Elas trabalham na banca na parte da manhã, depois vão para a cozinha preparar o almoço e arrumar os filhos para a escola, lavam as louças, organizam a cozinha e voltam para o trabalho com o calçado, nos fundos da casa . Elas relatam que tal ciclo acaba por deixá-las mais

exaustas do que se trabalhassem em fábricas, pois estas possuem horários fixos de entrada e saída.

A respeito da influência do trabalho nas relações familiares, a grande maioria dos entrevistados disse que esta situação gera muito desgaste e conflitos conjugais, uma vez que, em todas as famílias entrevistadas, marido e mulher trabalham juntos ou passaram por essa experiência. Além do casal ou da família estarem trabalhando juntos, convivem juntos em ambientes muito próximos, como relata Cecília, família 1:

[...] as vezes é muito ruim marido e mulher junto, acaba tendo bastante conflito. Discute, num entra em acordo porque fica 24h juntos! É o dia inteiro aqui dentro (de casa). Essa relação cansa e desgasta [...]

Camila, mãe da família 2 também faz críticas referentes ao fato de marido e mulher trabalharem juntos no mesmo ambiente, pois, além disto gerar discussões inapropriadas no ambiente de trabalho, ela relata seu desejo de querer ser mulher e não funcionária de seu esposo:

[...] a nossa convivência não era ruim não, mas depois começou a vim as discussão, porque num tinha horário. A gente queria fazer as coisas junto e num tinha jeito (...) eu já até brinquei com ele falando assim: Roberto, eu quero ser sua esposa, não quero ser sua funcionária [...]

Foi apontado que, por mais que se tente, é impossível não levar os problemas da banca para casa ou vice-versa, pois um está inserido no outro. Tal como afirmam Barbosa e Mendes (2003), chega-se a um ponto no qual não se consegue definir onde começa a banca de pespointos e onde termina a casa.

Apesar dos conflitos gerados pelo ambiente de trabalho, e do maior desgaste de trabalho para a mulher, todas as famílias disseram preferir trabalhar em casa a trabalhar em fábricas, pelo fato de poderem ficar mais tempo com os filhos, além de ser mais cômodo. Há liberdade de escolher o horário de trabalho e a forma de trabalhar, e as mulheres têm a possibilidade de sair do trabalho e ir para dentro de casa preparar a refeição e realizar serviços domésticos.

Esta preferência pelo trabalho no ambiente doméstico pode ser caracterizada pela fala de Fabiana, da família 4:

[...] Hoje eu já trabalho em casa porque ganha mais e pra mim ficar mais tempo com minha filha e as dificuldades: é médico, se a gente trabalha fora é meio difícil. Eu gosto porque eu posso ta na minha casa a hora que eu quero, eu paro de trabalhar a hora que eu quero. Eu trabalho e levanto a hora que eu quero. A liberdade que eu tenho é muito boa. Tem o meu marido aqui a hora que eu precisar; num precisa ficar ligando em fábrica atrás do homem, se eu to passando mal. Então é muito bom; e eu to aqui. Aqui dentro de casa, to com a Mariana na hora que ela precisa.

Observou-se, ainda, que as relações familiares e de trabalho influenciam de diversas formas as famílias estudadas. Enquanto para uns há um teor mais positivo acerca dessa relação, para outros o conteúdo negativo fala mais alto, como Sérgio, da família 4, ao relatar que um dos pontos negativos desta relação de trabalho são as discussões entre o casal. Porém, em contrapartida, o aspecto positivo apresentado por ele é que ao estarem juntos realizam melhor o serviço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado com famílias de bairros periféricos situados em uma cidade do interior paulista, caracterizada por uma economia voltada para o setor calçadista, possibilitou enxergar as formas singulares com que cada família se organiza cotidianamente e como estas conceituam a instituição familiar, muitas vezes de forma estereotipada, a partir de um modelo idealizado. Estes discursos estão relacionados a um ideal de família que é proposto socialmente e atualmente reforçado pela mídia.

Em contrapartida, observou-se, através das entrevistas, que vão surgindo diversas formas de ser família, construindo assim diferentes grupos domésticos, havendo na prática descobertas de novas identidades familiares, novos arranjos e acordos, principalmente em territórios híbridos, como o da banca de pesponto.

Outro aspecto evidenciado é o lugar que o trabalho atualmente ocupa nas vidas das famílias. Através das observações e das entrevistas notou-se que o trabalho, sutilmente, passou das disciplinas das fábricas para o ambiente familiar, penetrando na subjetividade humana.

Observou-se que o cotidiano dos trabalhadores da indústria do calçado tem facilitado que o trabalho envolva toda a vida fora dele, uma vez que está inserido na esfera familiar, e tudo torna-se trabalho, ao passo que os sujeitos tornam-se seus escravos, característica da sociedade pós-disciplinar ou de regulação.

Mesmo trabalhando dentro de casa, os entrevistados relatam que não há mais tempo para nada, afirmando a necessidade de se criar formas de estarem juntos em família, mesmo que seja para executar alguma tarefa doméstica.

Apesar do caráter exploratório do atual estudo, é possível afirmar que são várias as formas como as famílias percebem a influência do trabalho inserido no

ambiente doméstico. Enquanto para uns há um teor extremamente positivo acerca deste tipo de relação, para outros há algumas ressalvas, como o desgaste da relação conjugal e da relação entre pais e filhos. Mas, apesar de tudo isso, todos disseram que buscam amenizar as situações conflituosas, e que o fazem evitando misturar os ambientes, o que muitas vezes é impossível. Observa-se, ainda nesta realidade, uma convivência familiar intensificada em tempo e espaço, a família penetrando no espaço do trabalho e o trabalho penetrando no tempo da família. Essas questões comprovam, apesar de não explicarem, nem possibilitarem soluções, algumas das transformações contemporâneas relativas ao mundo do trabalho e a forma como estas influenciam o meio social, a convivência familiar e, por conseqüência, a produção atual de subjetividades.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. S.; MENDES, A. M. Capital trabalho e formação da classe na indústria de calçados. **Políticas públicas e Sociedade**, Ceará, v.1, n.5, p. 63- 71, jan./jun. 2003.

BARBOSA, A. S.; BRAGA FILHO, H.; MENDES, A. M. **A idéia de classe em tempo de reestruturação capitalista**: reflexões entre a teoria e a experiência, São Paulo: [s. n.], 2005.

BIASOLI - ALVES, Z. M.M. A pesquisa psicológica: análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In: ROMANELLI, G; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. (Orgs.) **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998. p. 135-157.

BILAC, E. D.; OLIVEIRA, M. C. F. A.; MUZSKÁT, M. GT 05: Família e Sociedade. O homem de família: conjugalidade e paternidade em camadas médias nos anos 90. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 24, 2000, Petrópolis. **Anais...** Petrópolis, 2000.

CARVALHO, M. C. B. (org.). A família contemporânea em debate. In: BILAC, E. D. **Família**: algumas inquietações. São Paulo: EDUC/ Cortez, 2000. p. 29-38.

CARVALHO, M. C. B. (org.). A família contemporânea em debate. In: MELLO, S. L. **Família**: perspectiva teórica e observação factual. São Paulo: EDUC/ Cortez, 2000. p.51-60.

CARVALHO, I. M. M.; ALMEIDA, P. H. Família e proteção social. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.17, n.2, p. 109-122, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392003000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 4 out 2009.

CIA, F.; et al . Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filho. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.11, n.1, p. 73-81, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722006000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 7 dez 2009

CORRÊA, M. Repensando a família patriarcal brasileira. In: _____(org.). **Colcha de retalhos**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FLECK, A. C.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicol. estud.**, Maringá, v.8, p. 31-38, 2003. Número especial. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 dez 2009.

GIACOMEL, A. E. et al. Trabalho e contemporaneidade: o trabalho tornado vida. In: FONSECA, T. M. G.; KIRST, P.G. **Cartografias e Devires: a construção do presente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

GRISARD FILHO, W. **Famílias reconstituídas: breve introdução ao seu estudo (I)**. Paraná: [s. n.], 2005. Disponível em: <<http://www.parana-online.com.br/canal/direito-e-justica/news/155568/>> Acesso em: 12 maio 2009.

HENRIQUES, C. R.; FÉRES-CARNEIRO, T; MAGALHÃES, A. S. Trabalho e família: o prolongamento da convivência familiar em questão. **Paidéia**, São Paulo, v.16, n.35, p. 327-336, 2006. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n35/v16n35a04.pdf>> Acesso em: 07 mar. 2009.

JOSÉ FILHO, M. **A família como espaço privilegiado para a construção da cidadania**. 1998. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 1998.

MENDES, A. M. **Classe Trabalhadora e Justiça do Trabalho: experiências e expressões do operário do calçado (Franca-SP, 1968-1988)**. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo: Afiliada, 1996.

NAVARRO, V. L. O trabalho e a saúde do trabalhador na indústria de calçados. **São Paulo em Perspectiva**, v.17, n.2, 2003.

PERUCCHI, J.; BEIRÃO, A. M. Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. **Psicologia Clínica.**, Rio de Janeiro, v.19, n.2, p. 57-69, 2007. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 maio 2009.

SAMARA, E. M. O Que Mudou na Família Brasileira? da Colônia à Atualidade. **Psicologia USP**, São Paulo, v.13, n.2, p. 27-48, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200004&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 12 mai 2009.

SOUZA, C. V.; BOTELHO; T. R. Modelos nacionais e regionais de família no pensamento social brasileiro, **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.9, n.2, p. 414-432, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200006&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 07 dez. 2009.

Artigo:

Recebido em: 12/09/2010

Aceito em: 11/04/2011